

## **CRIANÇAS COM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO: POSSÍVEIS IMPACTOS SOCIAIS E ACADÊMICOS CAUSADOS PELA PANDEMIA DA COVID-19**

Laís Scoton Goes e Vinícius Pereira de Sousa

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### **RESUMO**

A pandemia da COVID-19 teve seu início em 2020. Entre as medidas preventivas para a doença estava o isolamento social, que pode impactar significativamente na vida das pessoas, gerando ansiedade, medo e estresse. As crianças, por ficarem afastadas do ambiente escolar e centro de atividades, foram sujeitas a consequências psicológicas no desempenho educacional e no desenvolvimento. As minorias, como as crianças atípicas, são ainda mais impactadas por esse cenário, podendo apresentar intenso sofrimento, comportamentos agressivos e autolesivos. **Objetivo geral:** Investigar impactos da pandemia no aprendizado e sociabilidade das crianças atípicas. **Método:** Entrevistas semi-estruturadas com 5 voluntários acima de 18 anos, sendo obrigatoriamente educadores, psicólogos ou psicopedagogos que trabalhem diretamente com esse público, sobre o impacto da pandemia na parte social e acadêmica das crianças. Houve análise a partir de procedimentos de categorização em que as informações fornecidas pelos entrevistados foram agrupadas em categorias e posteriormente analisadas. **Resultados:** O retrocesso acadêmico foi muito citado nas entrevistas, além da falsa impressão de conteúdos que, online, pareciam ter sido absorvidos, mas que não haviam sido realmente. A participação ativa da família foi importante nesse período, mas sobrecarregou muitos integrantes. Entretanto, disponibilizar os materiais sem haver um reforço não era suficiente. Por fim, houve divergência de informações sobre os aspectos sociais. **Conclusão:** A pesquisa apresentou diversas perspectivas de profissionais sobre os aspectos acadêmicos e sociais das crianças atípicas durante e após o isolamento social, contribuindo para a coleta de informações sobre esse período. Outras pesquisas podem avaliar a predominância de forma quantitativa na população geral.

**Palavras-chave:** Pandemia; Crianças atípicas; Sociabilidade e Educação.

### **ABSTRACT**

The COVID-19 pandemic began in 2020. Among the preventive measures for the disease was social isolation, which can significantly impact people's lives, generating anxiety, fear and stress. Children, being away from the school environment and activities' centers, were subject to psychological consequences on educational performance and development. Minorities, such as atypical children, are even more impacted by this scenario, and may experience intense suffering, aggressive and self-injurious behavior. **General objective:** To investigate

the impacts of the pandemic on the learning and sociability of atypical children. **Method:** Semi-structured interviews with 5 volunteers over 18 years old, mandatory educators, psychologists or educational psychologists who work directly with this public, about the impact of the pandemic on the social and academic aspects of children. There was an analysis based on categorization procedures in which the information provided by the interviewees was grouped into categories and subsequently analyzed. **Results:** Academic backsliding was often mentioned in the interviews, in addition to the false impression of content that, online, seemed to have been absorbed, but which had not really been. The active participation of the family was important during this period, but it overloaded many members. However, making the materials available without reinforcement was not enough. Finally, there was divergence of information about social aspects. **Conclusion:** The research presented different perspectives of professionals on the academic and social aspects of atypical children during and after social isolation, contributing to the collection of information about this period. Other studies can assess the prevalence quantitatively in the general population.

**Keywords:** Pandemic; Atypical Children; Sociability and Education.

## 1. INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

No dia 11 de Março de 2020 foi decretada a pandemia da doença COVID-19. Entre as medidas preventivas para a doença estava o isolamento social, que pode impactar significativamente no dia a dia das pessoas, gerando ansiedade, medo e estresse (Fernandes *et al*, 2021 apud Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

As crianças também foram afetadas pela crise. Por ficarem afastadas do ambiente das escolas e centro de atividades, foram sujeitas a consequências psicológicas no desempenho educacional e no desenvolvimento, uma vez que ficaram suscetíveis a sentimentos de solidão, ansiedade e incerteza (Singh *et al*, 2020 apud Silva *et al*, 2021).

Por sua vez, as minorias, como as crianças atípicas, são ainda mais impactadas por esse cenário. Toma-se como exemplo as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Fernandes *et al* (2021), para elas, o isolamento social tem potencial de causar intenso sofrimento, além de comportamentos agressivos e autolesivos. Também, alguns desses indivíduos podem apresentar comprometimento intelectual e sensorial que impede a utilização de máscaras faciais, o que pode prejudicar a saúde deles e dificultar a possibilidade de interação social.

Entre as possíveis intervenções para crianças com o desenvolvimento atípico, a abordagem da psicologia "Análise do Comportamento" apresenta grande contribuição no auxílio do aprendizado de novas habilidades, como a linguagem (Matos, P.; Beckman, 2016). Essa vertente é baseada no Behaviorismo Radical, que possui o pressuposto que a compreensão sobre aquilo que o indivíduo está vivenciando sempre é encontrada na dimensão física, inclusive no caso dos comportamentos privados. Assim, os comportamentos humanos são multideterminados, em uma relação entre organismo e ambiente. Na prática clínica, busca-se entender os fenômenos comportamentais associados à queixa, levando em consideração que o ambiente sempre tem o status causal, isto é, o comportamento sob análise ocorre em função das mudanças ambientais (Marçal, 2010).

Tal teoria possui um método relevante para a implementação da política pedagógica da escola voltada para a inclusão. Diversas pesquisas, como o de Lovaas, demonstram que técnicas utilizando a Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis - ABA) podem levar crianças com TEA alcançarem um funcionamento intelectual e educacional normal, enquanto a maioria que é ensinada com um tratamento semelhante, com menos frequência, não atinge tais comportamentos (Lovaas, 1987 apud Matos, 2016).

O experimento de Lovaas separou crianças com TEA em dois grupos. Um deles foi

submetido a um tratamento intensivo de mais de 40 horas semanais, e o outro, grupo controle, recebeu um tratamento semelhante de menos de 10 horas por semana, todos durante 2 anos ou mais. Como resultado, quase metade do grupo experimental obteve um funcionamento educacional normal, enquanto no grupo controle isso foi observado em apenas 2% (Lovaas, 1987 apud Matos, 2016). Mais de 4 anos depois do final do experimento, constatou-se que os participantes do grupo experimental preservaram seus ganhos em relação ao outro grupo, verificando os benefícios também a longo prazo do tratamento (Mceachin, Smith e Lovaas, 1987 apud Matos, 2016).

Dentre os procedimentos utilizados no referido ensaio, estão os de redução de frequência de comportamentos agressivos; ensino de linguagem expressiva e abstrata; e o ensino de expressões de emoções de forma apropriada (Lovaas, 1987 apud Matos, 2016). Assim, essas técnicas e outras, que até hoje são desenvolvidas através do princípio da ABA, se mostram eficazes com muitas crianças e servem como instrumento para promover a inclusão delas no ambiente escolar, uma vez que podem produzir resultados significativos e duradouros que as permitem acompanhar a dinâmica escolar (Matos, 2016).

Alguns tipos de intervenções, como as que são baseadas na ABA, foram afetadas na pandemia de COVID-19 devido às medidas de distanciamento social. Dessa forma, ainda que não seja possível mensurar os impactos sofridos a médio e longo prazo para as crianças com TEA que não receberam intervenção durante o período de pandemia, acredita-se que existirão prejuízos. Isso porque a inconstância na intervenção é capaz de produzir consequências negativas nas habilidades que estão sendo adquiridas ou já alcançadas em algumas crianças (Silva *et al*, 2019 apud Castro *et al*, 2020).

No que tange a educação inclusiva, o Brasil possui uma longa história de batalhas e conquistas. O país passou por diversas práticas higienistas de exclusão das crianças com desenvolvimento atípico, colocando-as à margem da sociedade, sem acesso à educação. Por outro lado, houve vitórias como a promulgação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2008, pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (SEESP/MEC). Essa, garante que todo aluno possa ser inserido em um ambiente escolar, de forma que haja aprendizado sem discriminações e com as adaptações de ensino necessárias para atender as necessidades educativas especiais, como estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Antunes, 2003, 2008, 2011; Patto, 1999, 2005 apud Matos; Beckman, 2016).

No panorama atual, segundo Kassar (2009), mesmo quando as exigências de programas e projetos de inclusão do Governo Federal são cumpridas, ainda são evidentes os desafios. Isto é, mesmo quando há salas de recursos para acompanhamento dos jovens

portadores de deficiências, capacitação de professores, salas reduzidas, acompanhamento da escola, entre outros, não é possível observar uma inclusão sem situações desafiadoras.

Dessa maneira, no contexto pandêmico, a educação à distância desfavoreceu ainda mais o aprendizado e inclusão dos alunos com transtornos do neurodesenvolvimento. Com o afastamento físico da escola e dos educadores, as instituições educativas precisaram orientar as famílias para que pudessem ajudar os alunos atípicos, visando minimizar o impacto que a situação trouxe para desenvolvimento deles. Outrossim, houve a perda da interação social que essas crianças possuíam na escola com outros estudantes típicos ou atípicos (Dias; Santos; Abreu, 2021). Assim, pode-se afirmar que as crianças com desenvolvimento atípico sofreram diversas consequências negativas durante a pandemia, as quais urgem ser pesquisadas.

Tendo em vista todas as alterações e impactos mencionados acima decorrentes da pandemia de COVID-19, é fundamental pesquisar quais os principais desafios e consequências sofridos pela população com desenvolvimento atípico no contexto escolar durante o período de isolamento. Ainda, considerando o retorno obrigatório das aulas presenciais nas escolas de educação básica no Estado de São Paulo, que ocorreu desde o dia 18 de Outubro de 2021 (Governo do Estado de São Paulo, 2021), é possível também verificar como está a situação desses alunos atualmente.

O objetivo do presente estudo é investigar impactos da pandemia no aprendizado e sociabilidade das crianças atípicas, diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, Síndrome de Down, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, dentre vários outros. A pesquisa se faz relevante para verificar como aspectos sociais e acadêmicos dos alunos em questão foram alterados e impactados pela pandemia. Tendo este objetivo como guia para o trabalho, outros aspectos foram investigados no processo: verificar se a restrição do contato com colegas de sala, educadores e outros agentes envolvidos no caso pode ter levado a prejuízos nas habilidades de interações sociais, tais como conversas, aproximações, solicitações adequadas para demandas ou encerramento de tarefas, contato visual, ações adequadas ao contexto, etc; identificar possíveis retrocessos quanto ao conhecimento de conteúdos acadêmicos; avaliar benefícios e prejuízos das aulas a distância (modalidade online) para os alunos com desenvolvimento atípico; compreender quais ações dos agentes familiares podem ter contribuído ou prejudicado o desempenho dos alunos.

Além disso, tornará possível constatar quais são as diferenças que a população apresenta atualmente em relação ao ano de 2019 (antes da pandemia) nesses quesitos. Dessa forma, o trabalho busca contribuir de maneira informativa para pais, educadores e responsáveis por crianças atípicas.

## **2. METODOLOGIA**

Para a realização do presente estudo, foram feitos procedimentos de coleta de dados a partir da aplicação de entrevistas. Os devidos detalhes serão fornecidos a seguir.

### **2.1 Participantes**

O presente estudo investigou os impactos sociais e acadêmicos da pandemia da COVID-19 em crianças atípicas a partir de entrevistas. As entrevistas contaram com 5 entrevistados voluntários acima de 18 anos, sendo obrigatoriamente educadores, psicólogos ou psicopedagogos que trabalhem diretamente com esse público. A quantidade de participantes foi considerada suficiente para cumprir com o objetivo da pesquisa, permitindo uma análise qualitativa dos discursos de diferentes profissionais sobre a mesma temática. Todos eles residem no estado de São Paulo, controle esse feito com o objetivo de diminuir variáveis regionais. O primeiro contato foi feito de forma online, por meio de mensagens e postagens em redes sociais como Whatsapp, Instagram e Facebook que divulgaram a busca por esses profissionais com disponibilidade para contribuir com a pesquisa. Se o voluntário não possuísse nenhuma formação/especialização em psicologia, pedagogia ou psicopedagogia, não pôde responder a entrevista. Ser menor de 18 anos também foi um critério de exclusão da pesquisa.

### **2.2 Entrevistas**

As entrevistas foram semi-estruturadas e realizadas de forma remota online, via Google meets, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Os questionamentos foram acerca das dificuldades enfrentadas por esses alunos durante a pandemia da perspectiva do entrevistado. Foram realizadas, em média, 6 perguntas, e o tempo estimado para sua duração foi de 30 minutos.

Foram feitas 6 perguntas para cada profissional selecionadas previamente, além das perguntas espontâneas, decorrente da entrevista ser semi-estruturada. As 5 questões anteriormente escolhidas foram: Conte um pouco sobre sua atuação com crianças atípicas; Quais foram as diferenças que você observou na sociabilidade das crianças atípicas, comparando antes da pandemia, durante a pandemia e atualmente?; Quais foram as diferenças que você observou na parte acadêmica das crianças atípicas, comparando antes da pandemia, durante a pandemia e atualmente?; Quais foram suas principais dificuldades em exercer sua função?; Quais estratégias foram utilizadas para lidar com essas dificuldades?; Tem mais alguma questão que eu não perguntei, mas que você acharia relevante comentar?

### **2.3 Critérios de análise**

As entrevistas foram analisadas a partir de procedimentos decategorização, em que as informações fornecidas pelos entrevistados foram agrupadas em categorias (de acordo com a natureza e assunto das informações) e posteriormente analisadas, verificando-se assim os dados qualitativos de nossa investigação.

As categorias escolhidas para serem analisadas qualitativamente serão apresentadas nos subtópicos de “Resultado e Discussão”, com exceção do subtópico “Observações”.

## **3. RESULTADO E DISCUSSÃO**

### **3.1. Descrição dos entrevistados**

Foram entrevistados 5 profissionais que trabalham com crianças com desenvolvimento atípico de idades diversas no estado de São Paulo. A primeira entrevistada foi G., uma psicóloga formada em 2020 que, através de um estágio que realizou em uma escola durante a graduação, decidiu seguir a carreira de Acompanhante Terapêutica (A.T.), estudando Análise do Comportamento Aplicada (ABA). G. trabalhou por mais de dois anos nesse colégio e, atualmente, trabalha como acompanhante terapêutica de uma criança com TEA.

E. também é recém formado em psicologia e possui especialização em ABA. Assim como G., atuou como A.T. durante a graduação, com foco na inclusão escolar. Atualmente, possui dois pacientes que atende de forma particular, utilizando seus conhecimentos sobre intervenções comportamentais em crianças com desenvolvimento atípico.

R., por sua vez, é professora da rede pública de ensino. Há crianças atípicas na escola em que trabalha, portanto, além de dar aula, ela é responsável por adaptar as atividades de sua disciplina - matemática - para esses alunos.

Já C. é neuropsicopedagoga e leciona aulas particulares de reforço para crianças típicas e atípicas, sendo os alunos atípicos sua principal demanda. Ela ressalta que ensina de acordo com a potencialidade e necessidade de cada criança, trabalhando assuntos como treino de memória, alfabetização e sequenciação de maneira lúdica.

Por fim, C.L. é psicólogo e possui um Mestrado na área de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento. Diferente dos outros entrevistados, ele atua como supervisor

semanal de acompanhantes terapêuticos que, por sua vez, aplicam intervenções em crianças atípicas. Portanto, ele acompanha diversos casos.

### **3.2. Mudanças nos aspectos acadêmicos**

Para uma criança com TEA experimentar novas habilidades é necessário um trabalho complexo e demorado. Esse processo demanda dedicação, esforço e repetições, visto que o desenvolvimento neuropsicomotor e da linguagem é mais lento nesses indivíduos. Dessa forma, habilidades que se encontram em processo de aprendizado exigem estimulações constantes, o que foi abruptamente interrompido com o isolamento social. Isso contribui para a ideia de que essas crianças foram mais impactadas pela pandemia no que tange seus aprendizados (Costa, Fermoseli, Lopes; 2022).

Corroborando o descrito acima, a entrevistada G. e C. afirmaram a importância das repetições para a aprendizagem de conteúdos acadêmicos, que foram interrompidos no contexto. C. também relatou que a maior parte das crianças com quem trabalha perdeu alguns conhecimentos que elas já haviam fundamentado. Sobre o que decorreu da situação, destaca-se a fala de C.:

“E aí, o que aconteceu? Quando elas voltaram pós pandemia, foi necessário para muitas crianças retroceder coisas que a gente já pensava que eles já tinham conquistado. E aí teve que retroceder, pra poder voltar e daí, depois de um período, dar continuidade naquilo que ela tinha parado lá antes da pandemia.”.

Por esse discurso, entende-se que houve um retrocesso na aprendizagem. Nesse sentido, em uma pesquisa realizada em 2020 em Portugal foi constatado um consenso entre pais do grupo de crianças com TEA e pais de filhos típicos que houve impacto na aprendizagem (Amorim et al, 2020 apud Costa, Fermoseli, Lopes; 2022). Isso pôde ser observado na fala da professora R., que diz ter percebido uma dificuldade na maioria de seus alunos, principalmente pelo fato de famílias terem se contaminado com a doença.

Ainda em relação à frase supracitada de C., entende-se que durante o período de isolamento havia por parte dos profissionais uma falsa impressão de conteúdos que, no acompanhamento online, pareciam ter sido absorvidos pelos alunos, mas que depois foi constatado que não haviam sido realmente aprendidos. R. também contou que um de seus alunos autistas participava das aulas online, mas que as professoras tinham dificuldade de entender as fotos de suas atividades que eram enviadas a elas. Sobre isso, desenvolve:

“Quando nós fomos conhecer, nós entendemos, porque ele não tem a coordenação motora fina. Mas era um aluno que ele leu A Revolução dos

Bichos... Ele leu um monte de livro que as crianças ali daquela idade normalmente não estão lendo, então ele gosta de ler.”.

Sendo assim, entende-se que era uma dificuldade dos profissionais da educação analisar o entendimento do aluno sobre as matérias com a mesma acurácia que o faziam presencialmente.

Também, G. observou a necessidade de adaptações nas atividades da maioria desses alunos em relação às tarefas apresentadas para os estudantes típicos. Para isso, a entrevistada contou que são utilizados muitos materiais físicos e concretos, os quais o acesso foi muito mais dificultado durante a pandemia, prejudicando o aprendizado. Nesse sentido, destaca-se o papel da família em buscar tais materiais e ser parte ativa do processo ensino-aprendizado, citado em diversas entrevistas.

### **3.3. Papel da família**

Como citado anteriormente, a família da criança atípica foi um assunto recorrentemente abordado durante as entrevistas. Os participantes relataram que o progresso ou regresso da aprendizagem da criança estava muito atrelado ao quanto o núcleo familiar participava desse processo.

C. ressaltou que, a partir de sua experiência nas aulas online, para que elas pudessem fluir, a família teria que estar programada. Para isso, mandava um planejamento online, explicitando os materiais que a família teria que providenciar para o desenvolvimento das atividades. Dessa forma, o engajamento familiar era necessário para que o material estivesse disponível para o aluno, atitude essa essencial para que houvesse condições antecedentes que poderiam proporcionar o estudo.

R. contou que com seus alunos autistas era muito complicado para uma família desenvolver uma atividade com a criança, mesmo que essa fosse apenas assistir a um vídeo. Em seu relato, ressaltou que o acesso aos aparelhos eletrônicos era escasso para os alunos da rede pública ou que as famílias não tinham o conhecimento de como manejar esses equipamentos. No que diz respeito aos materiais impressos que a escola preparava para as crianças atípicas, a professora disse que diversas famílias não iam buscá-los, justificando que precisavam trabalhar ou que não sabiam aplicar a atividade.

A falta de conhecimento dos responsáveis para a aplicação da atividade foi um tópico também discutido. C. conta:

“Porque você precisa contar com a mãe, e a mãe não tem a habilidade, não tem a metodologia para ensinar. Então, além de você ter ensinando a criança, você precisava ensinar a estratégia pra mãe, pra família, para quem estava ali com a criança. E foi um processo bem, bem difícil. Porém, para as famílias que participaram dessas aulas online, ganharam muito mais, a criança ganhou muito mais, o jovem ganhou muito mais do que aqueles que não participaram desse processo online e resolveram esperar”.

Para cuidar de uma criança atípica, os pais, na maioria das vezes, têm que dedicar muito tempo. É necessário que eles cuidem de suas necessidades e lidem com seus comportamentos, que muitas vezes exigem mais atenção em relação às crianças típicas ( Lee et al., 2020 apud Chan e Fung, 2021). Nesse sentido, o entrevistado C.L. ressaltou que a família, em especial as mães dos filhos atípicos, acumularam ainda mais funções. Ele disse ter observado mães que já possuíam a necessidade de trabalhar e afazeres domésticos, tendo que se tornar professoras e terapeutas. Assim como foi citado que C. ensinava os pais a explicarem a matéria aos filhos, C.L. conta que o mesmo movimento aconteceu em relação às habilidades terapêuticas, sobrecarregando essas figuras.

Tal observação corrobora estudos que chegaram à conclusão de que atender às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento de seus filhos, fez com que os pais de crianças com distúrbios do desenvolvimento ficassem sobrecarregados devido ao acúmulo de funções (Asbury et al., 2020 apud Chan e Fung, 2021).

Em estudos realizados fora do contexto pandêmico, já eram observadas mudanças na dinâmica de famílias nas quais os pais eram instruídos a facilitarem mudanças positivas em seus filhos atípicos. Por mais que haja benefícios para as habilidades da criança, há implicações negativas para os integrantes da família. Pode ocorrer sentimentos de abandono por parte dos outros filhos, problemas matrimoniais na dinâmica do casal devido ao menor tempo de dedicação ao cônjuge e, também, estresse relacionado às demandas de tratamento da criança (Bristol, Gallagher & Schopler, 1988; Harris, 1994 apud Andrade et al, 2016).

### **3.4. Aspectos sociais**

Como anteriormente mencionado, as intervenções utilizadas em crianças atípicas costumam ter melhores resultados quando aplicadas continuamente. Nesse sentido, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) não se diferencia, visto que pode surgir uma dificuldade na manutenção e generalização dos comportamentos ensinados caso não haja a continuidade. Ela pode ser desenvolvida para que o paciente adquira habilidades tanto acadêmicas, como sociais. Entretanto, com a pandemia, diversos tratamentos tiveram que ser interrompidos abruptamente

Na entrevista, C. contou que crianças atípicas são, no geral, muito queridas pelas pessoas com quem convivem. Entretanto, mesmo que consigam ter proximidade com alguns indivíduos, dificilmente conseguem sustentar a amizade devido a dificuldade de comunicação ou socialização. Sendo assim, não foram observadas mudanças tão perceptíveis em relação ao que era antes da pandemia, visto que essa questão é um ponto no qual essas crianças majoritariamente têm dificuldade.

O psicólogo C.L. relatou ter tido a mesma impressão. “Elas continuaram tendo a dificuldade que naturalmente já tinham”, afirmou o entrevistado, referindo-se principalmente à socialização nas crianças autistas. A perda maior, segundo ele, foi que, durante a pandemia, elas perderam a oportunidade de desenvolver habilidades e, hoje em dia, teriam um repertório social mais vasto. C. concorda: “elas já podiam estar em outra etapa se não tivesse dado essa parada”.

Em contrapartida aos relatos citados, E. identificou que o fato das crianças ficarem apenas em casa contribuiu para o menor contato com outras crianças e, conseqüentemente, para a diminuição na socialização. R. conta que um aluno atípico seu regrediu. Antes da pandemia, ele costumava ficar dentro da sala durante as aulas e se portava como os demais alunos. Quando retornou, após esse período, ele apresentava dificuldade de se manter nesse ambiente e sentar nas cadeiras. Ele preferia sentar no chão e, segundo a professora, ele apenas procurava o prazer.

Tendo em vista as diferentes perspectivas dos profissionais sobre esse tópico, entende-se que a percepção e experiência de cada um com a sociabilidade dessas crianças foi singular. Isso pode ser devido à peculiaridade das crianças com quem trabalhavam ou da interpretação subjetiva dos participantes. Portanto, seriam necessários mais estudos sobre a parte social para saber se há uma tendência predominante na mudança da sociabilidade, quais variáveis influenciam nisso, ou se são apenas observações diferentes, porém complementares.

### **3.5. Observações: Análise de contingências**

É possível analisar diversas situações relatadas através da observação de contingências. Através da teoria do Behaviorismo Radical, entende-se que o ambiente possui um papel fundamental para a aprendizagem, isto é, para que uma nova resposta ocorra diante de um estímulo. A Análise Funcional permite entender o motivo de um comportamento ser emitido de determinada maneira (Costa, Fermoseli, Lopes; 2022).

Podem-se encontrar inúmeras contingências nos diferentes comportamentos dessas crianças durante a pandemia. Por exemplo, através do discurso de C., entende-se que as famílias que organizavam os materiais que seriam necessários para que a criança acompanhasse a aula antes do início dessa, obtinham melhores resultados na aprendizagem em relação àquelas que escolheram esperar. Dessa forma, pode-se afirmar que o engajamento dos pais em imprimir/buscar os materiais necessários para a aula caracterizava, nos casos relatados, um ambiente favorável para que o aprendizado ocorresse. A mesma lógica é explicitada no caso relatado por R., em famílias que não possuíam acesso à internet ou celular e, por isso, a criança não conseguia realizar o proposto e, como consequência, não aprendiam como o esperado.

Em contrapartida, outra característica que já foi anteriormente analisada neste trabalho também afirmada pelos entrevistados, foi que houve uma “falsa impressão” de aprendizagem a partir de fotos enviadas das atividades das crianças, de forma que várias delas não haviam realmente absorvido o conteúdo lá representado. Então, apesar dos profissionais obterem, através de fotos, retorno das famílias que disponibilizavam as tarefas e materiais ao aluno, vários deles obtiveram lacunas na aprendizagem.

É possível, então, questionar se apenas disponibilizar materiais realmente seria um aspecto relevante para o favorecimento do aprendizado. Skinner (1972, cap.2), em seu livro “Tecnologia de Ensino”, afirma a importância de haver reforçadores à disposição do aluno para que o aprendizado ocorra. Com isso, o ambiente favorável por si só não seria eficiente para garantir o aprendizado.

Nesse sentido, pode-se comparar o ambiente familiar versus o ambiente escolar. Na escola, há diversas variáveis que reforçam o comportamento de estudar. Por exemplo, os colegas também estudando e a presença do professor, que, muitas vezes, elogia o aluno ao acertar a resposta de uma questão. Alguns elementos podem ser identificados na seguinte frase de R.:

"A maior parte da aprendizagem é na troca de experiência entre um e outro, entre os pares (...) quando eles voltam, você percebe: se eles têm uma constância, uma frequência, eles evoluem, eles dão saltos. (...) E aí eles começam a entender 'aquele momento Eu tenho que ficar sentado', 'está chegando a hora do intervalo, então eu vou pra porta, porque eu também quero participar do intervalo'. Então, eles começam a entender e construir uma nova rotina na cabecinha deles e conseguir aprender."

Constata-se as seguintes variáveis: presença dos pares, que possibilita a conversa e troca de experiência; a constância, que também pode ser entendida como uma repetida exposição aos conteúdos e à rotina, reforçando positivamente a apreensão deles; e o ambiente que, além

dos outros alunos, contem “dicas” que precedem os acontecimentos da rotina, como o som do sinal que antecede o intervalo.

No ambiente familiar, entretanto, essas variáveis não estão presentes. Skinner (1972, cap.2) diz que, na escola, no início da aprendizagem, enquanto a criança não é capaz de avaliar sozinha se acertou ou errou o exercício, o reforço proveniente do acerto está apenas na professora. Com isso, quando há demora entre a resposta e o reforço, mesmo que demore alguns segundos, o efeito já pode ser perdido. Se, segundo o autor, mesmo no ambiente escolar as contingências proporcionadas estão longe de serem ótimas, é possível investigar se, em casa, sob o cuidado de pais ou responsáveis que não possuem formação adequada para ensinar, há contingências que proporcionaram o contato do aluno com o material, a persistência dessa ação e, ainda, reforçadores quando ele cumpre o proposto.

Além da ausência de reforçadores em casa que ocorrem no ambiente escolar, no familiar encontram-se muitos distratores que não aparecem na escola. E., inclusive, contou que essa era uma de suas principais dificuldades nos atendimentos online, principalmente com a disponibilidade de telas que as crianças possuíam (inclusive para o atendimento em si). “É muito fácil dela (da criança) manipular o online”, disse o entrevistado. Ele afirma que era um ambiente com muitos estímulos, e isso dificultava trabalhar as técnicas comportamentais de forma eficaz. Por mais que E. não ensinava matérias escolares, entende-se que o mesmo é válido para as aulas online, visto que o ambiente e o formato em que ocorriam eram os mesmos.

Portanto, entende-se que coube à família criar, organizar e manter novas contingências que poderiam envolver a criança na atividade e reforçar seu comportamento de realizá-la. Esses responsáveis não possuíam formação adequada para realizar isso, mesmo com a orientação dos profissionais. Além disso, muitos possuíam outras tarefas, de forma que ficaram sobrecarregados. Esse cenário pode ter gerado padrões de fuga e esquiva, impedindo as contingências que proporcionariam aprendizado ao aluno acontecerem.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a coleta de entrevistas, foi possível obter diversas informações sobre o impacto social e acadêmico da pandemia nas crianças atípicas. Segundo os entrevistados, para a maioria das crianças atípicas houve um retrocesso na aprendizagem, de forma que, durante o isolamento social, havia uma dificuldade em analisar o desempenho delas nas atividades

de forma acurada. Ao retornar para o ensino presencial, muitos tiveram que retomar conteúdos que, de maneira remota, aparentavam erroneamente já terem sido consolidados.

Para que essas crianças tivessem acesso a um material adaptado às suas necessidades para um aprendizado mais efetivo, foi necessária a participação dos pais. esse engajamento foi correlacionado com o melhor desempenho dos alunos, mas também com a sobrecarga das figuras parentais, que tiveram que adquirir habilidades de professores e terapeutas para auxiliar no entendimento das tarefas e no desenvolvimento delas. Através das informações obtidas, foi possível questionar, através da teoria do Behaviorismo Radical, a importância da disponibilidade dos materiais no ambiente de ensino, concluindo a importância, também, dos reforçadores para o aprendizado.

No que tange as mudanças na sociabilidade desses estudantes, diversas experiências foram relatadas, variando entre pouca e muita diferença nesse aspecto ao comparar os comportamentos anteriores e posteriores ao isolamento social.

Entende-se, assim, que a pesquisa não foi capaz de levantar dados que indiquem uma tendência geral dos comportamentos analisados, mas conseguiu apresentar uma variedade de perspectivas de profissionais sobre os aspectos acadêmicos e sociais das crianças atípicas durante e após o isolamento social, bem como evidenciar as peculiaridades de cada criança. Os alunos atípicos, assim como os demais, são seres únicos, criados em diferentes contextos familiares. Sendo assim, são esperada as diferentes experiências dos profissionais que com elas trabalham.

Apesar dessa individualidade, outras pesquisas poderiam investigar se houve tendências prevalentes nos aspectos acadêmicos e sociais desses alunos. Isso possibilitaria entender de forma mais abrangente os principais impactos da pandemia, além de intervenções e contextos que foram melhores sucedidos, possibilitando uma visão expandida do contexto.

## 5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. et al. (2016). TREINAMENTO DE PAIS E AUTISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Ciências & Cognição**, 21(1). Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1038>
- CHAN R., FUNG S.C. (2021). Elevated Levels of COVID-19-Related Stress and Mental Health Problems Among Parents of Children with Developmental Disorders During the Pandemic. **National Library of Medicine** v. 52, n. 3, p. 1314–1325, Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8081277/>

BECKMAN, M. V. R.; MATOS, P. G. S. **A Educação Inclusiva No Contexto da Política Nacional da Educação Especial: Atuação e Compromisso da Psicologia Escolar**. In: MATOS, D. C.; et al. *Análise do Comportamento Aplicada ao Desenvolvimento Atípico com Ênfase em Autismo Organizador*. 1 edição. São Luiz: AICSA, 2016.

CASTRO, R. M. L. et al. **Vídeos para instrução remota de cuidadores de crianças com desenvolvimento atípico durante a pandemia de COVID-19**. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento, Pará*, v. 16, n. 2, 2 dez. 2020.

COSTA, A., et al (2022). O impacto da pandemia no processo de ensino-aprendizado de crianças com TEA: Uma revisão integrativa. **Revista Atenas Higeia**, 4(2). Recuperado de <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/280>

COSTA, Y. LOPES, A. P., & FERMOSELI, A. F. de O. (2014). ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO. **Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde - UNIT - ALAGOAS**, 2(1), 213–226. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/1414>

DIAS, A. A.; SANTOS, I. S. ; ABREU, A. R. P. **Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil**. *Zero-a-Seis*, v. 23, n. Especial, p.101–124, 29 jan. 2021.

FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19**. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, 26 abr. 2021.

MARÇAL, J. V. de S. **Behaviorismo radical e prática clínica**. In: A. K. C. R. De-Farias, *Análise Comportamental Clínica: aspectos teóricos e estudos de caso*. 1 edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MATOS, D.C. *Análise do Comportamento: Teoria, Comportamento Verbal e Aplicação ao Autismo e Quadros Relacionados*. In: MATOS, D. C.; et al. *Análise do Comportamento Aplicada ao Desenvolvimento Atípico com Ênfase em Autismo Organizador*. 1 edição. São Luiz: AICSA, 2016.

RETORNO obrigatório: entenda as regras nas escolas de educação básica do Estado de São Paulo. **Educacao.sp.gov**, 2021. Disponível em:

<<https://www.educacao.sp.gov.br/retorno-obrigatorio-entenda-regras-nas-escolas-de-educacao-basica-estado-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 17 de fev. de 2022.

SERGI, L. et al (2021). Autism, Therapy and COVID-19. **National Library of Medicine**. v. 13, n. 1, p. 35–44. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8081277/>

SKINNER, B. F. (1972). *Tecnologia do ensino*. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: EPU. (Trabalho original publicado em 1968).

SILVA, W. C.; et al. **Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19**. *International Journal of Development Research*, v.11, 22 abr. 2021.

KASSAR, M. DE C. M. **Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional**. *Educar em Revista*, set. 2011, n. 41, p. 61–79, Curitiba: UFPR.

**Contatos:** [lais.goes2002@gmail.com](mailto:lais.goes2002@gmail.com) e [vinicius.sousa@mackenzie.br](mailto:vinicius.sousa@mackenzie.br)